

o que eu pinto...



de Kiko Fachadas

o que eu sou ...



moura.2015

o que eu pinto... o que eu sou...

Galeria do Espírito Santo
de 24 de outubro a 31 de dezembro

Catálogo da exposição de pintura *o que eu pinto... o que eu sou*, de Francisco Marques (Kiko)

Textos: Santiago Macias, Maria da Conceição Amaral e Eugénia Araújo

Grafismo e fotos: Setor Gráfico da Câmara Municipal de Moura

Edição: Câmara Municipal de Moura

Impressão: Gráfica Comercial de Loulé

Tiragem: 200 exemplares

Outubro de 2015

O ESPÍRITO DO FRANCISCO

O *genius loci* era, para os romanos, o espírito que protegia um lugar. Corresponde ao que, de forma corrente, designamos de “espírito do lugar”. A pintura do jovem Francisco Marques reflete bem o espírito deste nosso lugar. O Francisco anda em volta da nossa terra, percorre os campos que nos são familiares, os montes que todos conhecemos, para entrar depois pelas ruas da cidade. Aí é bem o espírito de Moura que aparece. Paisagens urbanas de desenho caprichoso e cores para além da realidade, monumentos e espaços públicos são revistos e desenhados com juventude e despreocupação. Esta é a cidade do Francisco e ele dela se apropria, com o tom afirmativo que é o de todos os mourenses. A caça e a festa brava surgem, amiúde, nestes quadros. São, ao mesmo tempo, elementos culturais do nosso território e herança paterna, assumida com gosto e orgulho.

O que me parece mais interessante em muitos destes quadros são as suas sugestões expressionistas, duvidando eu que o Francisco se tenha debruçado sobre o tema ou partilhe das dúvidas e angústias dos pintores desse movimento. Tal como acho invulgar a expressão plástica de alguns bichos, muito próxima do tratamento dado aos zoomorfos dos mosaicos orientais da Antiguidade Tardia. Como é que é possível?, interrogo-me. O sentido intuitivo do Francisco leva-o por diversos caminhos, nos quais uma paleta de tons vibrantes está sempre presente.

A juventude deste pintor, o seu permanente entusiasmo e a sua sensibilidade levaram-nos a organizar esta exposição. O espírito do lugar que o Francisco Marques representa reflete-se em todos nós. Exibir os seus quadros neste lugar simboliza bem a perenidade que desejamos para o nosso património histórico e para a nossa memória coletiva. Que é a perenidade que queremos para a nossa terra.

Santiago Augusto Ferreira Macias
Presidente da Câmara Municipal de Moura

ILUSTRADOR DE PAISAGENS

Francisco Marques é surpreendente.

Pelo traço afinado, pela cor, pela composição, pela mestria e rigor, pela paixão que transmite nos seus desenhos pintados que são afinal belíssimas ilustrações da realidade que o rodeia. São de imediato um convite ao passeio com um caderno e lápis na mão.

O desenho, certamente a mais antiga forma de linguagem que conhecemos, quando aliado à criatividade, ao rigor do saber olhar e de representar, torna-se um forte meio de comunicação e de expressão, um privilégio de poucos artistas.

A arte de saber desenhar do Francisco Marques é certamente um dom pessoal mas a paleta das cores usadas já são sabedoria, técnica aperfeiçoada e sentido estético que em muitos artistas chega mais tarde. Retratos de ambientes suaves ou por ele suavizados pela doçura do traço dão aos seus desenhos uma força redentora.

Vejo nas suas obras imagens com vida que ilustram e chegam a explicar textos que não estão lá, e não precisam de estar, porque o desenho já é tudo.

Ao desenhar, acrescenta ou sintetiza informação visual à paisagem, aos gestos ou aos quotidianos. Com a pintura dá sentido estético às fachadas, às ruas, às portas ou janelas. Aos cantos e recantos que nunca falaria sem a sua mão e olhar atentos.

Desejando que este tão jovem *Ilustrador de Paisagens* tenha um percurso artístico de grande qualidade, sugeria que este seu dom continuasse a ser apoiado e reconhecido pelas instituições locais para lá desta bela exposição.

Maria da Conceição Amaral
Presidente do Conselho de Administração da
Fundação Ricardo Espírito Santo Silva





























NOTA BIOGRÁFICA

A 15 de Julho, no quente e ainda recém-nascido verão de 1998, o Francisco fugiu do céu para poder pintar a terra. Lá de cima, não conseguia perceber bem todos os tons que há na Natureza, nem sentir o calor ou o frio de todas as cores, por isso, agarrou a asa de um pequeno anjo brincalhão e escolheu Moura para viver. Para aproveitar os dias. Para passear os olhos. Para pensar todos os desenhos. Para portar-se à altura do pintor por ele sonhado. Afinal, essa era a sua missão.

E ei-lo hoje aqui. Sem ninguém lhe ter ensinado qualquer técnica de pintura nos seus dezassete anos de vida (aqui na Terra, claro), o Francisco já tem uma coleção fantástica de obras de arte que apetece fruir, de tão genuínas. Porque nos seus dedos habitam os matizes da alma de quem pinta as coisas não bem como elas são, mas como ele as vê. E as sente. Porque nos seus olhos giram sem cessar, como num carrocel, as ruas, as portas, as chaminés, as vidraças e cortinas de janelas duma cidade que ele elegeu colorir. E de outras do resto do mundo, também. Porque no seu coração cheio de tinta, ele inventa animais e plantas e pontes e pedras dum Alentejo que lhe pertence e quer eternizar. Porque no seu ser mora a pigmentação de todos os segredos por desenhar. Por revelar.

Na escola, estuda as matérias do 12º ano, mas fora dela todos os traços do mundo são seus. E todas as cores.

Madrinha Géninha

o que eu pinto...

KIKOBY

o que eu sou...

